



Gaiato



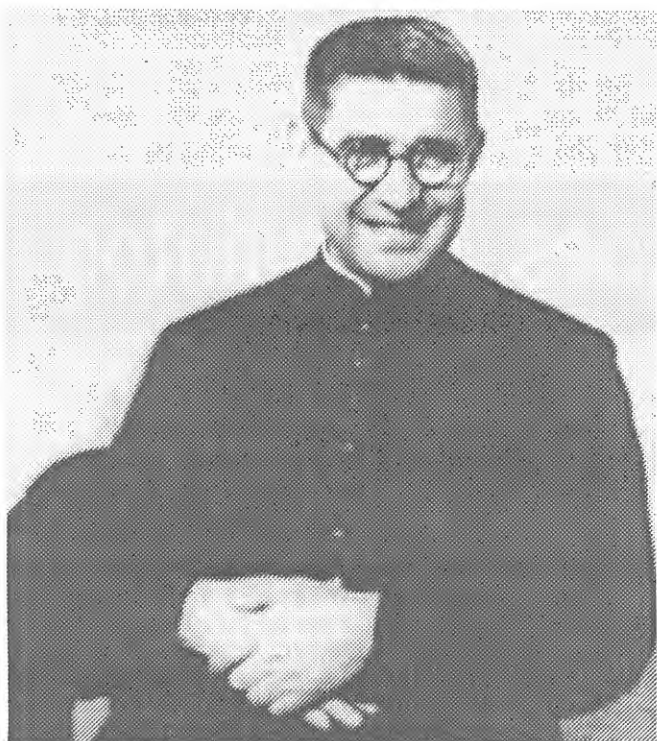
4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 5 de Março de 1994 • Ano LI - N.º 1304 - Preço 30\$00 (IVA incluído)

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



Cinquenta anos

“O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos e as nossas mãos apalparam acerca do Verbo da vida, isso vos anunciamos, para que também vós tenhais comunhão connosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com Seu Filho Jesus Cristo. Escrevemo-vos estas coisas para que a vossa alegria seja completa.” (1 Jo 1,1-4)

MUITAS vezes me tenho encontrado com Pai Américo, contemplando a sua vocação e a resposta contínua que foi a sua vida de consagrado, nesta primeira carta do Apóstolo S. João.

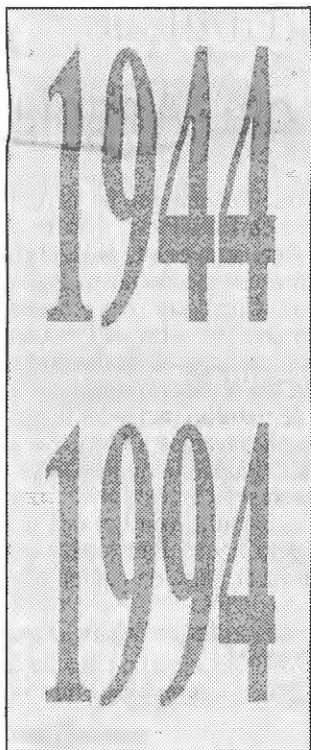
Em hora de provação intensa em que solta o gemido «não suei sangue, mas sei o gosto de ser mártir», confessa: «Não posso dizer que O tenha visto com os meus olhos mortais, escutado com os meus ouvidos, tocado com as minhas mãos pecadoras, mas então senti o Seu bafo». O, Aquele que lhe fez sentir o Seu bafo, que o irmanou a Si em experiência de Horto das Oliveiras, é o Verbo da vida que os Apóstolos conheceram com os sentidos da carne e nos «escreveram estas coisas» para que, na Fé, «tenhamos comunhão com eles e com o Pai e com Seu Filho Jesus Cristo» e «a nossa alegria seja completa»

É esta experiência vivida de Jesus Cristo, a fonte do dinamismo apostólico de Pai Américo e também a matriz d'O GAIATO. Porque não o seu estatuto editorial

Continua na página 4

De como eu fui por aí abaixo pedir a quem de direito o livre curso dum jornal

COM a resolução de fundar um jornal, dirigi naquele tempo meus passos vacilantes a Lisboa. À passagem pelo Porto, tive ocasião de subir a um quinto andar da rua dos Pelames, o que veio aticar a minha ideia, pelas coisas que ali vi... Isto foi em Fevereiro/1944. A Casa do Gaiato de Paço de Sousa tinha nascido em Março/1943; um ano. O que vira e ouvira na rua dos Pelames, encheu-me o coração. Eu ia tomado de uma grande dor: se até ali sentia necessidade de dizer, agora muito mais. Por outro lado, a experiência daquele pequenino ano tinha-me ensinado que os jornais de grande tiragem não aceitam *ninharias*; só coisas sérias e importantes. E um deles, que, julgo por delicadeza, aceitou, deu o meu artigo à estampa por tal forma mutilado que perdera com isso toda a verdade e sabor. Por tudo isto, crescia dentro de mim o desejo de falar.



Em Lisboa indicaram-me a repartição aonde havia de tratar. Vieram os senhores. Eram oficiais do Exército. Quente ainda da minha visita ao quinto andar dos Pelames e sabendo das naturais recusas da Imprensa, eu desatei a falar àqueles senhores: que era preciso dizer a verdade toda. E disse e disse e disse. Os senhores não abriram a boca. Não fizeram um gesto. Mandaram-me esperar. Retiraram-se do gabinete, deixando-me ali sozinho! — Já sei, disse eu para mim mesmo. Falei de mais. Vou ser preso. Adeus jornal. «Portemo-nos como ministros de Deus nas tribulações, nas angústias, nos cárceres.»

Semanas depois o jornal via a luz do dia e começou desde a primeira hora a ser em Portugal e para os portugueses uma grande luz. Todo ele é um programa; o programa do Evangelho. De propósito chamamos hoje aqui o testemunho de S. Paulo:

«(...) Não demos a ninguém ocasião alguma de escândalo, para que não seja vituperado o nosso ministério; antes em todas as coisas nos portemos como ministros de Deus, com muita paciência nas tribulações, nas necessidades, nas angústias, nos açoutes, nos cárceres, nas sedições, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns; com castidade, com ciência,

Continua na página 8

ANO I — N.º 1 5 DE MARÇO DE 1944 PREÇO 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, POR RAPAZES

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E PROPRIEDADE: Casa do Gaiato do Pôrto, Paço de Sousa

Director e Editor: PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: Tip. da Casa N.º 25, Santa Catarina 228-PORTO

De como nasceu a Casa do Gaiato do Pôrto

ZERARIA a imaginação ocupada com o Convento de Arcozelo, para fundar ali uma réplica fiel à Casa do Gaiato de Coimbra, sítio em Miranda do Corvo. Quatro anos de vida naquela organização social, entretivam-me a transpor o pequenino farrapo das ruas com simples mezinhas caseiras, a saber: muito pão, muito sol e muito carinho. Como não tivesse em Miranda possibilidades de aumentar, lancei as redes ao largo, como fez o Pescador, procurando novas paragens, sob o sinal da Cruz. Arcozelo fica longe da cidade, e pior mil da criação desamparada precisamente porque não, acho os seus amores.

Quis indagar da sua posição jurídica e pedir o Convento a quem de direito.

Fiz ali em Paço de Sousa. Alguém que sabia do negócio pergunta: — Por que não fica por aqui? — O Convento de Paço de Sousa, antiga morada de Jesus beneditino, tinha sofrido um infortunio em 39 e já era abandonado pela Junta de Província do Pôrto. Havia ali unicamente um funcionário, mais-lou sei. Escrevi quatro linhas para Lisboa.

— Que sim; fale com o Governador Civil.

Levei seis meses a limar arestas da burocracia. O Código diz que se deve prestar contas, eu dizia que não, e não se passaram tempo e seis até à hora do triunfo. Ele dá-de vir tempo, e já cá ando, em que as leis dão lugar a outras leis, como logicamente cumpre o sistema que se tem julgado.

Levei seis meses a limar arestas da burocracia. O Código diz que se deve prestar contas, eu dizia que não, e não se passaram tempo e seis até à hora do triunfo. Ele dá-de vir tempo, e já cá ando, em que as leis dão lugar a outras leis, como logicamente cumpre o sistema que se tem julgado.

Levei seis meses a limar arestas da burocracia. O Código diz que se deve prestar contas, eu dizia que não, e não se passaram tempo e seis até à hora do triunfo. Ele dá-de vir tempo, e já cá ando, em que as leis dão lugar a outras leis, como logicamente cumpre o sistema que se tem julgado.

Para que se saiba

Muito gente cuida que os "Casos do Gaiato", são cópia dos trabalhos do P.º Flanagan. Podiam ser. As coisas boas são de imitar. Mas não são.

Quando aí apareceu a celebração "Homens de Amanhã", já a "Casa do Gaiato de Coimbra" tinha dentes e comia pão. Foi então que se escreveu uma carta àquele sacerdote, irlandês de nascimento, e que ele respondeu na volta a recomendar-me que fosse sempre muito amigo da criação das ruas, "homeless boys". Ora eis.

APARECE hoje "O Gaiato" e regressa no terceiro domingo do mês, à mesma hora, e assim por diante, todos os 1.º e 3.º até ao fim do mundo.

Em Coimbra, é vendido nas ruas pelos Gaiatos de Miranda, que já os temos maduros.

No Pôrto, assim será, com os de Paço-de-Sousa, mas por enquanto estão verdes.

Em Lisboa, é o próprio Ardina da "Casa do Ardina" quem vende e guarda a comissão para fundo da Obra deles.

Assina e manda assinantes e que cada um diga com quanto deseja subscrever.

Sê revolucionário... pacífico. Se Salazar diz que a revolução tem de continuar, enquanto houver uma casa sem pão, — que dizer dele, enquanto houver uma Criança sem casa! E há mundos deles.

Relevo e Amor ao serviço da educação



Fotocomposição, impressão, dobragem e expedição do «Famoso» — obra deles, por eles.

O GAIATO vive na alma de gerações de gaiatos

Regresso às fontes

NUNCA é demais falar d'O GAIATO com humildade — a verdade.

Ele é também um pouco do nosso ser, estar, agir... desde a primeira edição, a 5 de Março/44.

Em nossas mãos jovens, d'alma quente, levámos o nascituro Porto fora. Afagado na *mística* que Pai Américo insuflava com alegria, com amor. Distribuímos o *Famoso* com entusiasmo: nos cafés, nos eléctricos, nas ruas, às portas das igrejas.

— *O Padre Américo manda-vos... p'ra rua!?*

Era um grito novo — uma nova Pedagogia...

Cativámos depressa as gentes do velho burgo. Os pontos de admiração... tornavam-se menos sisudos, cada vez mais adocicados. Em todo o lado... pegavam em nossas mãos. Até um ou outro *sacristão* iam deixando de nos incomodar, de nos *correr* dos adros das igrejas — já sintonizados com a Mensagem do pequenino *Desordeiro!*

Foi essa Mensagem que levámos encostadinha ao peito, que abriu também o coração dos tripeiros; estendendo-se ao mundo português — e não só.

Foi o carinho de tantos Amigos que nos acolhiam como se fôssemos da família.

Foi um grande *salto* em mentalidade criada ao longo de séculos (...) — que se desvanecera.

Fôram esses quadros riquíssimos de partilha, de fraternidade, que motivaram Pai Américo a escrever belíssimos trechos que são uma antologia do seu carisma de Escritor. «*Paulo fazia esteiras. Pedro botava redes. Eu faço jornais. Tudo é trabalhar para a mesma Causa!*» — disse.

«*É dos bons prosadores portugueses do nosso tempo*», — comenta o Prof. Agostinho de Campos — «*vernáculo, nervoso, cheio de carácter, e que soube dosear natural e perfeitamente, no seu estilo, a tradição clássica e a vivacidade popular.*»

Ao longo de cinquenta anos o *Famoso* é, e será, uma tribuna de gerações de gaiatos, nesta Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes. *Diários* simples. Ricos de substância. Alguns deles com veia poética. Que fizeram história.

Faz bem um regresso às fontes!

Pedimos às gerações de cronistas, gráficos, dobradores e/ou distribuidores do *Famoso* que partilhassem vivências com os nossos Leitores. Nem todos apareceram. Outros, Deus levou-os. Mas o pequenino grupo que aí vai, supre a voz dos ausentes em data feliz.

Hoje, o nosso Jornal tem uma tiragem de 73.000 exemplares, quase 60.000 Assinantes!

Pai Américo e o nosso Deus cumulem de bênçãos O GAIATO e dêem Força para continuar!

Júlio Mendes

Foi assim

POIS aqui vai a minha resposta ao apelo do Júlio Mendes.

No momento, estava eu a ler n'A *Voz dos Novos* de Janeiro de 61, um reparo teu sobre a venda do *Famoso*. Como tantos outros, foi por aí que comecei a minha participação n'O GAIATO.

Tempos já não tão difíceis, mas muito saborosos. Éras o orientador e coordenador e todas as tardes (de venda). Acompanhávamos a uma leitaria, da Rua das Flores, para merendarmos. A despesa, quando *ainda* não estava paga, era por mim liquidada por ser o *rei das grojas*. Era o Abel o «camisola amarela», designação pela qual era conhecido o melhor vendedor d'O GAIATO.

Em 1948, feito o exame da 4.ª classe, Pai Américo, a exemplo de anos anteriores, pediu que disséssemos, através de carta a ele endereçada, o que gostaríamos de fazer como profissão. Escolhi tecelagem. Pai Américo, porém, manifestou desejo de que eu fosse para a tipografia...

Foi assim que mais tarde, juntamente com Luís Barbeiro, o *Foz Coa* e o *Canico*, demos início a uma outra colaboração no *Famoso*: a nossa aprendizagem tipográfica sob a orientação, primeiro (suponho), do Manuel Pinto e mais tarde de dois penafidenses. Estávamos em 1949 (Setembro ou Novembro) quando saíu o primeiro O GAIATO saído das nossas mãos.

Entretanto, ao longo dos anos que se seguiram, tive também a oportunidade de colaborar, através do «Pelos Casas do Gaiato» e também de uma reportagem a propósito do Congresso Internacional da JOC, em Roma (1975), no qual estive presente com o Carlos Manuel Trindade.

No entanto, a colaboração mais saborosa foi naquele tempo em que Pai Américo, já um *pouco* cansado, me deu (e a outros mais) a oportunidade de passar para o papel o meu pensamento, o recado para milhares de Leitores e Amigos d'O GAIATO.

Neste momento, gostaria de lembrar também que, em 5 de Março, é o aniversário natalício de Alguém que dedicou grande parte da sua vida aos gaiatos, de Paço de Sousa: a D. Sofia, de Turquel.

E lembrar também todos aqueles que, depois dos pioneiros de 1948, engrossaram o número dos que continuaram, de muitas e variadas formas, a feitura do que são hoje páginas vivas do Evangelho que Pai Américo tão bem soube transmitir e fazer viver pelo amor que nos deixou. Apesar de os seus nomes não ficarem impressos neste número das *Bodas d'Ouro*, ficarão para sempre gravados no meu e no vosso coração.

Cândido Pereira

50 anos de luz

PERCURSO longo e doloroso, pleno de vida e prenda de doutrina. Arauto de boas e más notícias, todas elas necessárias, pois que é nesta diversidade que se reflecte a verdade.

Inspiração de quem, como ninguém, conhecia a premente necessidade de levar ao coração de todos a mensagem de solidariedade para com os mais desprotegidos, não se circunscreveu porém O GAIATO, ao papel de mero veículo de anúncio de desgraças ou repositório de acusações.

Antes, transformou-se em autêntico altar de fé, erguido para o reconhecimento humano da sua insignificância e a necessidade de buscar mais alto o que carece para a sua perfeição.

Cinquenta anos de vida intensa que lhe não desgastaram quer o ânimo quer a fé. Que lhe atribuíram a maturidade e a legitimidade para continuar a luta pela verdade e pelo sentido de responsabilidade que a cada um se exige.

Que foi, é — e deve continuar a ser — fonte de quantos têm sede de justiça, acolhimento na necessidade de conforto interior, alavanca propiciadora de ânimo quando surge a descrença, esperança de quem procura os caminhos que conduzem à fé.

E, sobretudo, fiel aos desígnios que o inspiraram.

Zé Eduardo

Parabéns

NA vida de qualquer pessoa, 50 anos é um marco muito importante. Na de um pequeno jornal, como o nosso, tão desprezível, não o será menos...

Quantas gerações o têm lido, ao longo deste último meio século?! Quantos corações terá tocado de forma indelével?!...

Pelo que me toca, posso afirmar que determinou fortemente toda a minha vida e a dos meus... Sou um apaixonado pela sua leitura, desde os primeiros anos da década de 50, altura em que comecei também a escrever, nele, modestas crónicas da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, assinadas com o pseudónimo de «Sardinha», o meu «nome de guerra» de então e pelo qual, ainda hoje, sou conhecido por muitos Leitores e Amigos.

Leitor apaixonado, escritor assíduo em dada altura, e distribuidor empenhado durante a minha adolescência, juventude, até quase à idade adulta, estou profundamente ligado à sua já longa história.

Distribuí o *Famoso* em Coimbra, Figueira da Foz, Miranda do Corvo, Lousã, Cantanhede, Covilhã, Fundão, Castelo Branco, Tomar, Leiria e Palmela.

Felicito O GAIATO, expressando os meus votos e preces a Deus para que a sua mensagem continue iluminada pelo Evangelho, fiel e sem desvios dos objectivos do seu fundador — Pai Américo.

Carlos Manuel Trindade

Recordo a distribuição d'O GAIATO em Angola

RECORDO com saudade o tempo em que pelas ruas de Benguela, do Lobito, e da Baía Farta, distribuía a mensagem da Obra da Rua, através d'O GAIATO. Era uma alegria quando íamos ao escritório do nosso Padre Manuel António buscar os jornais. Como era rico o nosso contacto com as pessoas, que tudo queriam saber da Obra da Rua! E aqueles «fregueses» certos, em casa ou no emprego poderiam não estar, mas O GAIATO lá ficava, debaixo da porta, na secretária ou nas bancas de trabalho (ninguém ficava sem o *Famoso!*). À tarde, quando chegávamos a Casa, era a concentração junto do escritório... Fazíamos uma competição. Todos queríamos ser os melhores!

Ainda conservo, com muito carinho (embora já no museu), um relógio oferecido pelo nosso Padre Manuel António no dia em que deixei de fazer parte da equipa que distribuía o *Famoso*.

Um abraço para todos que nesta data vibram, tanto quanto eu, pelos 50 anos do nosso jornal.

José Luís Pinheiro



Espinha dorsal da Obra da Rua

O *Famoso* está de parabéns. São 50 anos de vida de um jornal que tem levado a muitos lares uma mensagem de amor e fraternidade. Ao longo do tempo, O GAIATO tem sido *revolucionário*, como porta-voz dos desprotegidos, dos sem-família, dos incuráveis; ele tem mexido com o coração de muitos portugueses.

Foi através do *Famoso* que Pai Américo, com a sua maneira simples e penetrante de escrever, levou muitos portugueses a pensarem no seu semelhante.

Consideramos o nosso jornal como espinha dorsal da Obra da Rua.

Carlos Gonçalves

Experiência que foi escola

FUI distribuidor d'O GAIATO durante quatro anos. Para mim essa experiência foi escola para a minha vida profissional. Aprendi, basicamente, a lidar com a massa monetária que não me pertencia, mas que no fundo fazia parte de todos os gaiatos. Conheci muitas pessoas com as quais hoje mantenho laços de amizade. Na venda d'O GAIATO despertei para o futuro, para fazer de mim um homem sério, trabalhador e capaz de encarar a realidade social e humana.

Comecei por distribuir o jornal na Beira, Figueiró dos Vinhos, passando por Coimbra, Figueira da Foz e Condeixa-a-Nova, localidades que de algum modo me deixaram recordações dos Amigos que tive e tenho, e onde sempre fui recebido com carinho e amizade.

José Luís

De como o jornal chega às mãos dos Leitores

SEENDO cronista, também dou os meus parabéns a O GAIATO. 50 anos de vida a favor dos Pobres.

Eis de como o jornal nasce e chega às mãos dos Leitores: O material dos cronistas e dos nossos Padres passa ao chefe da Redacção, Júlio Mendes, que dá uma vista de olhos. Segue para a fotocomposição. Depois, revisto o granel, é a respectiva paginação, terminando a operação na secção de fotolito. Após o *transporte*, a chapa é imposta na máquina *offset*. Depois de impresso, o «Eusébio» apara os jornais na guilhotina e encaminha-os para a máquina de dobrar.

Por último, é a etiquetagem dos endereços dos assinantes e a preparação dos maços de jornais, por códigos postais, introduzidos nos sacos dos CTT para a estação postal.

Lupricínio

O tempo de saca ao ombro

COMECEI a distribuir o *Famoso* no Fundão, tendo-me sido entregue a saca dum colega que foi estudar para o Lar de Coimbra.

Completava nove anos de idade, e já ia conhecer as ruas de uma grande Vila. Éramos dois pequenos, da mesma idade, e distribuíamos lá, em média, 350 jornais.

Após dois anos, era tempo de fazer o mesmo que me fizeram: entregar a saca e vir estudar para o Lar de Coimbra...

Desde que deixei de distribuir o *Famoso* no Fundão, conheci também as ruas de Coimbra, Praia de Mira, Mira, Lentisqueira, S. Pedro de Moel, Mealhada e S. Martinho do Porto.

Foram oito longos anos em que fui conhecendo novas terras, mas sempre de saca ao ombro e cabeça no lugar.

Chega a altura não de entregar a saca — adoecei com leucemia — mas dar a conhecer a outros colegas os locais onde distribuía o jornal.

Nos últimos tempos cheguei a despachar, em média, mil jornais por quinzena.

Ai, quem me dera ter ainda nove anos!

Diamantino

Pelas Casas do Gaiato

PAÇO DE SOUSA

CONTENTOR — Mandámos para a Casa do Gaiato de Moçambique: roupas, medicamentos, alimentos e materiais para as obras.

FUGAS — Alguns rapazes decidiram fugir. Quando regressaram, receberam um castigozito: rapadela de cabelo.

TEMPOS LIVRES — Passamos os tempos livres a ver TV, a jogar a bola e outros jogos.

VISITANTES — Sendo a nossa Obra a Porta Aberta, estamos sempre prontos para receber visitas. Assim, podemos conviver com os nossos Amigos.

Rui «Gordo»

CARAS NOVAS — Em 8 de Fevereiro vieram, para a nossa família, mais dois rapazes, de Loureda: o António e o Rui. Espero que se adaptem à nossa Casa, o melhor e mais rápido possível.

OFERTAS — Agradecemos à Danone, ao Continente e outras Empresas, dádivas de pão, yogurtes, manteiga, queijo, etc.

AGRICULTURA — O «Meno» anda com o tractor a espalhar o estrume nos campos para as sementeiras...

ORAÇÃO DA MANHÃ — O nosso Padre Júlio ordenou que, antes de irmos para o pequeno-almoço, façamos a oração da manhã na Capela.

Mauro

A NOSSA VIDA — É constituída por vários afazeres, durante às 24 horas.

Tudo começa às 6.50, da manhã, com o primeiro toque para nos levantarmos. Às vezes apetece ficar lá mais um bocadinho...

Às 7.20, vamos para a oração da manhã, na Capela. Às 7.35,

é o pequeno-almoço. Às 8 horas, principiam as aulas na Escola e os trabalhos nas oficinas.

Às 12.30, almoço. À tarde, 14 horas, recomeçam as obrigações até às 18 horas.

Às 19 horas é a oração da tarde (Terço), na Capela. Depois, às 19.30, o jantar.

Às 20.30 horas começa o estudo, que termina às 22 horas. Às 22.30 vamos para cama. Os chefes dão a volta e apagam as luzes para o silêncio.

Repórter X

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — As nossas obras continuam a andar. Os pedreiros estão a fazer um muro junto do pomar. Depois, calcetaremos até ao largo dos porcos.

AULAS — Decorreram, normalmente, no primeiro período. Alguns já estão a levantar as notas. Esperamos que continuem assim para melhor aproveitamento.

CATEQUESE — Os nossos rapazes têm Catequese às quartas-feiras e os do Lar à sexta-feira à tarde — com bons resultados.

Frederico

Notícias de Moçambique

DESPERTAR — O tio Carlos viajou no dia 14 de Janeiro. Estamos a despertar, pouco a pouco, para a responsabilidade dos mais velhos participarem na educação dos mais novos.

ESCOLA — A nossa Escola vai bem. É claro que, de vez em quando, há falta de responsabilidade: na semana passada fomos repreendidos por não

estarmos a cumprir bem os deveres de casa. Vamos fazer um esforço para correspondermos.

VISITANTES — Ontem, à fazenda, vieram muitas pessoas passar o dia connosco, visitando as oficinas e vendo por onde nos poderiam auxiliar. Além disso, deixaram uma ajudinha. Por isso, no Terço, oferecemos um mistério por eles, para que sejam sempre generosos e de bom coração.

CHUVA — Graças à chuva, a nossa população, em volta, está feliz porque o milho crescerá e daqui a alguns dias dará

boas espigas. Pedíamos, na Missa do domingo, a graça da chuva. Finalmente, Deus ouviu-nos.

António Ditone

TRABALHO — Começamos o ano com muita vontade de trabalhar. No Centro de Apoio, onde moramos, o refeitório e mais três camaratas estão em acabamento. A recuperação das instalações da fazenda, na fase final. Agora, queremos é começar a nossa Aldeia. Em todas as equipas há um grupo de rapazes a aprender a trabalhar.

Luís Carlos

Irmão a caminho da Aldeia

Quando te vimos doente... *deu-te comprimido.*
Quando te vimos com sede... *deu-te de beber.*
Quando te vimos sujo... *deu-te banho.*
Quando te vimos sózinho... *fez-te companhia.*
Quando te vimos velho... *deu-te a mão.*
Quando te vimos com fome... *deu-te de comer.*
Quando te vimos estrangeiro... *visitei-te.*
Quando te vimos preso... *visitei-te.*
Quando te vimos peregrino... *deu-te a cama.*
Quando te vimos sem transporte... *deu-te boleia.*
Quando te vimos criança abandonada... *deu-te o carinho.*
Quando te vimos rejeitado... *deu-te o amor.*
Quando te vimos ao serviço... *deu-te ajuda.*
Quando te vimos marginalizado... *deu-te uma casa.*
Quando te vimos morrendo... *deu-te assistência.*
Quando te vimos desesperado... *deu-te a esperança.*
Quando te vimos aspirante... *desejo-te a felicidade.*
Quando te vimos sem família... *deu-te uma família.*
Quando te vimos aluno... *deu-te a catequese.*
Quando te vimos ameaçado... *consolei-te.*

Cristo Jesus, faz que realmente o laço da união da nossa Aldeia seja, mais que a acção e o compromisso, a Fé e o Amor que Tu nos dás diariamente.

Agostinho Francisco
(Casa do Gaiato de Malanje)

DOCTRINA



Ministrar Jesus nas Suas obras,
único alimento que podem digerir

NO cinema Olímpia, do Porto (Maio/45), foi justamente como tem sido nos mais palcos: denunciar o valor e os Direitos da Criança, por consideração à pessoa humana e obediência aos preceitos divinos. Onde estiver Pedro, está a Igreja. A voz de Jesus Nazareno já se não escuta no mundo, mas ficou a Sua palavra e esta não está de maneira nenhuma ligada aos púlpitos. Até nos telhados podemos pregar Cristo.

Os que mais necessidade têm de saber quem Ele é, não vão às igrejas. Por isso mesmo se torna necessário que fora delas se dê a notícia.

Esta sorte de auditores, porém, é um bocadinho exigente. Querem ver obras mais do que ouvir doutrina. Querem ver Cristo realizado, e só depois é que começam a interessar-se.

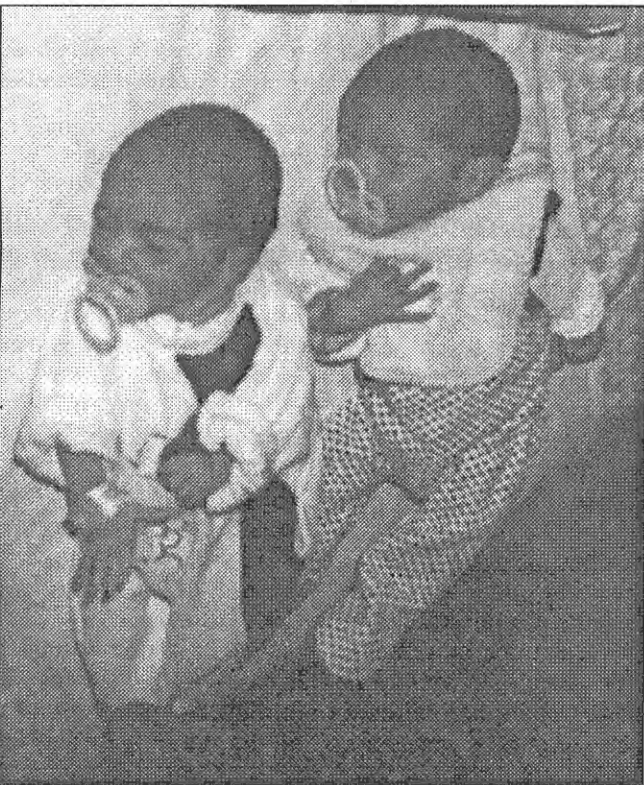
Se lhes pregássemos Cristo nos Seus mistérios, escandalizavam-se, tomando-O por louco! Se os colocássemos no alto dos dogmas, não se equilibravam, por fraqueza.

Temos de lhes ministrar Jesus nas Suas obras, único alimento que podem digerir.

Ora aqui está a razão porque eu vou aos palcos, apresentar, às avessas dos que lá vão representar.»

O. Amín. 5!

(D'O GAIATO n.º 32, 19/5/45)



«Emanuel e Ulysses, netinhos da Obra da Rua. Não estão com os olhitos abertos porque ainda não fixam o olhar. Acho-os tão engraçados, enquanto pequeninos!» — Jorge Nave

Cinquenta anos

Continuação da página 1

expresso nas próprias palavras do Apóstolo? Pois não é a profunda intenção do Jornal levar aos homens o anúncio apostólico em Evangelho de hoje; e o desafio à «Comunhão com o Pai e com Seu Filho Jesus Cristo» «presente no meio de nós», Suprema Graça do Pai, Fonte da Justiça e da Paz, por isso Causa da nossa alegria e único Garante de que ela possa «ser completa»? Ou será que os homens, em progresso incessante de saber e engenho desde o princípio da Humanidade, já descobriram outra pista que leva à Justiça — fundamento da Paz — causa da alegria da vida, senão esta que passa pelo amor de Deus aos homens em Jesus Cristo?

«Pequenino Jornal perturbador das consciências acomodadas»

Só n'Ele, «o Apaixonante a fazer apaixonados», os homens encontrarão resposta às suas profundas interrogações. Só no reduto último da sua consciência o homem poderá escutar essa resposta, que os ouvidos não ouvem nem os olhos debruçados sobre o mundo vêem e jamais se apalhou nas realidades sociais que a História nos apresenta desde Caim e Abel.

Por isso gosto tanto, cada vez mais, da definição que um Catedrático nosso deu d'O GAIATO: «Esse pequenino Jornal perturbador das consciências acomodadas». Outros, ao longo destes cinquenta anos, lhe foram dando nomes semelhantemente significativos: o «Revolucionário», o «Desordeiro»... O seu próprio nome, O GAIATO, pode conter este conceito, porque uma criança, aonde chega, marca, desarruma, subverte a ordem estabelecida. E é esse o seu objectivo. Só que o alvo da perturbação é a consciência do homem para que não confunda estabilidade com estagnação, para que não ensurdeça à Voz que a própria consciência é.

Por esta certeza que os empolgava, por esta urgência de acordar as consciências e estimulá-las a uma vigília constante e crítica em vias da Felicidade que Deus pôs ao nosso alcance, já aqui e agora, e quer que a procuremos diligentemente mais perfeita — é que os Apóstolos «não puderam calar o que viram e ouviram do Verbo da Vida» (cf. Actos 4/20)... O que tal lhes custou dos instalados, dos poderosos, dos satisfeitos! Foi assim naquele tempo e é equivalente o preço a pagar pelos discípulos de todos os tempos. Pai Américo soube-o desde o primeiro passo que deu para a publicação d'O GAIATO: «Os males sociais que se não podem remediar, também deles se não pode falar» — foi a resposta da autoridade.

Ainda assim O GAIATO nasceu. Nasceu

da mesma *necessidade* que os Apóstolos sentiram e assumiram: «Não podemos deixar de afirmar publicamente o que vimos e ouvimos». E com a mesma hierarquia da obediência: «Julgai vós mesmos se é justo, diante de Deus, obedecer-vos a vós primeiro do que a Deus». (Actos 4/19)

Verdade que, com excepção de um período breve relativamente aos cinquenta anos que hoje celebramos, e mais por melindres políticos que sociais, O GAIATO não foi incomodado pela autoridade pensante como acima se referiu nem conheceu resistências da parte dos instalados que mereçam menção. Talvez porque Pai Américo, desde a primeira hora, agiu habitualmente como, naquela prévia diligência, ripostou à autoridade contactada: «Meu senhor, quando falo num mal é para o remediar; já o estou remediando».

As palavras de ordem que Pai Américo nos deixou são o fruto da sua prática

Na sua motivação, da mesma espécie, sequente à dos Apóstolos, a demagogia não tinha lugar. Os valores que perseguia eram a Verdade, a Justiça, a Paz, a alcançar pelo exercício do amor fraterno, *sacramento* do amor de Deus. Tudo simples, fundado no

real, transparente, como ora se diz. Daí o respeito que granjeou de *gregos e troianos* e nos deixou por herança.

Agente que foi, em grande, da comunicação, ele tinha a paixão do silêncio e fazia dele alimento. Silêncio e palavra eram a inspiração e expiração do seu respirar de apóstolo. As palavras de ordem que nos deixou a respeito do Jornal são o fruto da sua prática:

«Aquele a quem Nosso Senhor deu o talento de escrever, escreva como quem reza. Prepare-se como quem vai falar de Deus.»

«N'O GAIATO não peça nem aceite proposta de anúncios sobre assuntos do século. Todo o espaço e todo o tempo é pouco para revelar Cristo às almas.»

Firmados na oração, ansiosos de anunciar «o que vimos e ouvimos e contemplamos do Verbo da vida», sem receio nem cedência às razões que se levantam contra, «pela força e crédito dos seus escritos defendam os direitos e levem os homens a reconhecer e a respeitar o Pobre».

Só assim, na fidelidade própria e chamamento de muitos ao amor a Deus e ao Próximo que sintetiza a Lei e os Profetas, poderemos continuar a missão que O GAIATO vem realizando desde 5 de Março de 1944, com uma fecundidade que se explica, sómente, pela Graça do Pai concedida em Jesus Cristo e comunicada pelo Espírito Santo.

Padre Carlos

Saiu de casa com a cesta no braço

«Faz agora um ano que O GAIATO saiu de casa com a cesta no braço e, de mangas arregaçadas, começou a semear. Nem toda; alguma ficou pelos caminhos, mas a maior parte da semente caiu em bom terreno e tem frutificado. O maltrapilho das ruas já não é um desconhecido, como antes fora. Nem nós somos hoje para ele, como antes éramos, uma raça abominada. A semente caiu nas almas. Saiu a tempo o sementeiro.

(...) Um tudonadinho irre-

Presenças de Pai Américo em aniversários d'O GAIATO

verente como sempre tem sido, O GAIATO foge à ortodoxia social: não vai buscar gente de fora para fazer a festa. O artigo de fundo que deveria ser, no dia de hoje, encomendado a um «senhor doutor», é escrito por um deles, para tornar cada vez mais fixa a cor da nossa bandeira: «Obra deles, para eles, por eles».

(...) Vamos principiar um segundo ano da sementeira. Que as almas de boa vontade o recebam, como fizeram no primeiro — e isso nos basta.»

(O GAIATO n.º 27 — 3/3/45)

Estava no berço e já o público gostava de o ouvir

«O jornalzinho nasceu auspicioso. Ainda estava no berço e já o público gostava de o ouvir. Alguns teriam, até, dito como naquele tempo disseram de Jesus Infante: «Mas onde é que

Ele aprendeu?», de tão bem que falava!

E tem crescido sem mudar da opinião que faz de si mesmo, nem os Leitores mudam da que dele fazem. Ele fala de experiências. Cada um que fale das suas experiências. Não que elas se comuniquem, mas ajustam-se. Por isso mesmo o jornal expande-se, faz bem às almas.

Este é o nosso ponto de mira: *Fazer bem às almas*. É mais fácil, é mais doce, é mais meritório fazer bem do que fazer mal. Como há muita gente que faz o favor de o ler e de o coleccionar (coisa espantosa!) O GAIATO esmera-se por dar somente aquelas notícias preciosas que o tempo não desgasta. Ele é verdade que às vezes troca os verbos e erra a pontuação. Mestres há que o têm chamado à pedra. Mas como ele é pequenino, não toma bem conta da lição — daí os desastres.

Vai agora nos três anos. Botou os primeiros dentes,

mas continua no firme propósito de se fazer mais pequenino à maneira que for crescendo, para que em nada se pareça com os «grandes».

(O GAIATO n.º 54 — 23/3/46)

Instrumento de Paz

«Eu era para dar este número à estampa com aparato de aniversário. Era. Ele completou justamente três anos nos primeiros dias do mês. Gostaria. Mas os trabalhos crescem. Os ajudantes não aparecem. Os que tenho ao pé de mim, ajudam-me... a mais trabalhos. Se os chamo, trocam as letras, erram as palavras, sujam os dedos, o papel e o chão! É tinta.

(...) Pois que o nosso Bom Deus faça dele um instrumento de Paz. Aonde o ódio, que ele difunda o amor. Aonde a discórdia, a união. Aonde o erro, que ele plante a verdade. Aonde a dúvida, a fé. Aonde o deses-

pero, a esperança. Aonde as trevas, luz.»

(O GAIATO n.º 80 — 22/3/47)

A Cruz

«A voz da nossa Aldeia é a Cruz. A incrível aceitação da nossa Obra, vem pela Cruz. Mesmo aqueles que não acreditam nem esperam nem amam, até esses, digo, é por via daquele Sinal que esperam, que acreditam e que nos amam! Não é de admirar que amanhã dê a própria vida pela doutrina da Cruz, quem antes apostaria em derrubá-la. O que admira é haver infieis que a neguem até ao fim!»

(O GAIATO n.º 132 — 19/3/49)

Consagração total ao Pobre

«A nota do nosso número especial, por vontade expressa dos próprios rapazes, é que ele, O GAIATO, seja uma consagração total ao Pobre; à sua infinita resignação e capa-

cidade de sofrer, ao lugar que lhe pertence no seio de uma Comunidade Cristã; ao valor eterno da sua amizade; ele, o Pobre, sujeito do primeiro Mandamento; é por ele que se ama a Deus.

O Barredo não poderia faltar neste número de festa...»

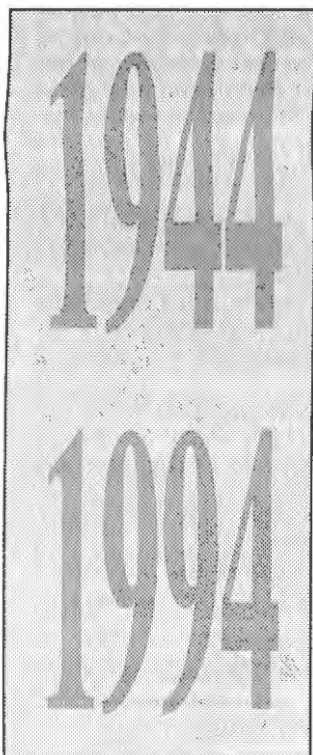
(O GAIATO n.º 183 — 3/3/51)

Não sei se os Leitores são capazes de definir O GAIATO

«O GAIATO faz dez anos. Anda na Instrução Primária. Espera-se que uma vez no Liceu, fique sempre pequenino e o mesmo lhe aconteça na Universidade. *A muita ciência incha*. Os inchados não cabem. Ninguém os aceita. Morrem pelos cantos.

Faz dez anos O GAIATO. Não é jornal de feições. Não alimenta interesses. Não defende uma região. O GAIATO não conhece ninguém. Nunca se leu aqui um nome. Nunca um retrato. Jamais uma nota biográfica. Então quê? Não sei. Não sei. Não dou fé. Digo o que ele não é; avante não sei o caminho. Não sei mesmo se as legiões de Leitores são capazes o definir; não sei. E, contudo, apreciam-no. Têm fome. Se o jornal tarda, aí vem o postal: — *Olhe que não recebi*.»

(O GAIATO n.º 262 — 13/3/54)



Os homens não se medem aos palmos e os jornais pelo número de páginas

O LÁ! Parabéns pequeno jornal O GAIATO! Como sabes os homens não se medem aos palmos e os jornais pelo número de páginas. Tanto uns como outros medem-se pelo conteúdo. Mereces os parabéns? Costumo dizer aos miúdos que até os burros fazem anos. Mais importante que os anos é saber o que tens feito durante este tempo todo. Continuas a merecer os parabéns?

És um pouco mais velho do que eu. Até nos tornarmos companheiros de viagem, cruzei-me contigo duas vezes. A primeira, durou dois ou três anos de Seminário. A terra não estava preparada para a semente. Trazias-me notícias de outro país diferente do meu. Ainda tentaste alguma coisa. Por teu intermédio comprei os dois primeiros volumes de *Pão dos Pobres*. Rápidamente os arrumei na estante porque o

meu país de então chamava-se filosofia e teologia e tinha as fronteiras fechadas.

Voltei a encontrar-te mais tarde. Eu tinha crescido. Era pároco. Sentia que muitas vidas entravam na minha vida. Dois miúdos batem-me à porta com o jornal na mão. Vários anos se repetiu a cena. Já sabiam onde estavam as coisas. Preparavam a merenda e deixavam-me o jornal. Fui lendo as notícias do teu país e, entretanto, as fronteiras foram-se abrindo, até que, um dia, emigrei. Descobri teus vales, teus mares e teus rios, teu povo feito de dor e esperança, de alegria e tristeza, de sonho e realidade, de lágrimas e sorrisos, de solidão e partilha. Não podes imaginar a alegria e paz que tudo isto me trouxe!

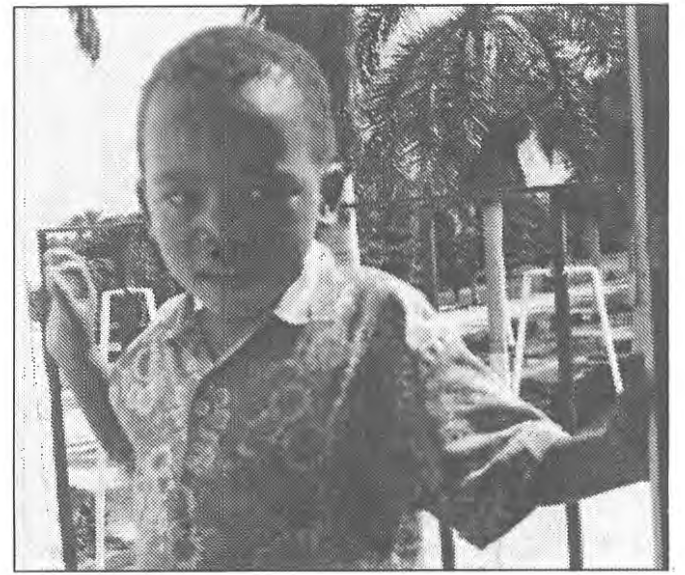
Um dia, vi-me diante de uma folha de papel em branco com o convite: — Escreve! Que aflição a minha! O primeiro texto foi feito no Calvário. Tem

as suas marcas. Percebi que o Calvário não é palavra definitiva. Há a Boa Nova da Esperança nascida na Páscoa.

Sabes que é muito difícil dar forma escrita àquilo que vivemos? Como comunicar todas as impressões que fazem doer o coração quando se vai ao bairro de latas do Fim do Mundo e nos entra pelos olhos dentro aquele mundo à deriva, o olhar daquelas crianças perdido no vazio, a porcaria espalhada por todos os lados e seres humanos a crescer ali? Apetece gritar. Fica-se sufocado. Que palavra de esperança comunicar?

Parabéns pequeno jornal. Leva Boas Notícias deste nosso país às pessoas que ainda não o conhecem. Não envelheças. Lembra-te que nasceste no coração de alguém que acreditava profundamente na Luz que vem do Alto e renova todas as coisas. Também as pessoas.

Padre Manuel Cristóvão



BENGUELA

Está em jogo o presente e o futuro das crianças de Angola

MAIS uma campanha a favor da criança de Angola está em marcha. Dá pelo nome de Fundação Pró-Criança. Os meios de comunicação social fazem a propaganda, com a Televisão à frente.

Esta vez os empresários são especialmente chamados a aderir ao empreendimento. Não sei se a iniciativa é deles ou se para tal são chamados por terem nas mãos a fatia maior.

Não há dúvida de que o problema das crianças em Angola, na hora actual, é gravíssimo. Elas representam uma percentagem considerável da população. Se avançarmos pela adolescência e primeiros anos da juventude, vamos encontrar-nos perante situações alarmantes como resultado da guerra e suas terríveis consequências: abandono, marginalização, delinquência. Há razão para se acender a luz vermelha.

Daí que as pessoas mais responsáveis olhem para este estrato social com preocupação. Está em jogo o presente e o futuro. Se, agora, há indícios claros de instabilidade social, a exigir protecção física em muitos campos de actividade, o futuro é muito sombrio se não se olhar a tempo e horas para a multidão de crianças a crescerem em estado de abandono total. Esta é uma vertente do problema das crianças de Angola.

Por outro lado, há a situação das crianças que não sendo da rua, crescem anormalmente, por falta do mínimo de condições em todos os campos da vida humana.

O futuro da Nação está nas crianças que ela gera. É, deveras, muito preocupante o panorama que contemplamos.

Iniciativas como esta da Fundação Pró-Criança têm o seu valor, por certo. Outras iniciativas foram surgindo ao longo de 1993, o mais trágico da história de Angola, diz-se. Parecem-nos, contudo, que lhes falta o principal. Não se faz alusão ao capital

humano. E, sem este, não há boa vontade que resista. Não há empreendimento que vá por diante. Buscam-se meios materiais que são indispensáveis. Mas se faltam as pessoas vocacionadas para um trabalho desta envergadura, as iniciativas não passam de fogos de artifício que, agora, se lançam e logo desaparecem sem deixarem rastros. E os meios materiais voam também.

Esta é, na verdade, a hora do investimento humano na sociedade angolana, esfarrapada pela guerra. Que hora tremenda! Quem sentir uma pontinha de inquietação não pode resistir. Joga-se, nesta hora, que esperamos comece a ser de paz, o presente, mas, sobretudo, o futuro duma Nação em que urge pôr os alicerces assentes em valores humanos que têm como alma o Amor.

E quem melhor do que a Igreja está preparado para a sementeira? Que hora tremenda esta! O campo das crianças de Angola, dos adolescentes e dos jovens está preparado. Quem vai?

Padre Manuel António

Missão d'O GAIATO: chamar à mesma comunhão todos os Leitores

SERVIR é a resposta consequente ao chamamento que Deus faz aos seus filhos. A maneira do Filho, servir é sinal de um desejo profundo de promoção do Outro, do que brota a Paz.

Não importa o que se faz! Importa o gesto, toalha à cintura e... comunicação de Vida. Assim nós A alcançamos.

Eles iam continuamente ao encontro do Senhor, para lhes curar a cegueira, a surdez, a paralisia... a opressão! Pelo poder de Deus, libertava-os. Os seus discípulos continuaram a missão com rosto comunitário por causa dos homens. E a libertação continua a realizar-se até ser plena. A sua concretização nas muitas formas em que se dá, cria no enviado uma convicção profunda de estar no caminho certo, talvez porque nesses momentos a comunhão com Aquele que envia, o eleva a Si, ao sobrenatural.

Será este o objectivo a alcançar na missão, criar comunhão entre os homens para que o Senhor esteja.

Por isso a vivência da Caridade não é sinónimo de acção social mas caminho para que o encontro entre Deus e os homens, se dê.

Creio que O GAIATO tem esta missão. Chamar à mesma comunhão todos os que o lêem, na partilha da vida que flui dele sempre que os trabalhadores desta «seara imensa do trigo e do joio» mostram ao rapaz, ao doente, ao Pobre, que Deus os ama em gestos concretos.

Cinquenta anos a comunicar vida por causa daqueles que só a tinham biologicamente. Por causa da fome e da doença que envolvia aquele rapaz no Beco do Moreno, rebentou um dia uma fonte poderosa de água viva. Um homem sedento tocado pelo amor de Deus aceitou o convite do Mestre e seguiu as Suas pisadas. Deixou-se morrer para si mesmo para que dessa morte muito pudessem alcançar mais vida. E a fonte continua a dessedentar a muitos neste caminhar peregrino.

Padre Júlio

O Calvário

«Em vez de tinta de duas cores, profusão de fotografias e outras coisas mui lindas que Júlio Mendes me sugeriu, eu optei por uma centena de exemplares em papel *couché*, os quais ficam em depósito para oferecer aqui e ali. Assim faremos. Mas não é bem isto que se pretende. Anda aqui uma segunda intenção. Eu preciso muito de muitos para a construção do Calvário. Ora como neste número festejado e no meio dos *Seis*, aparece o Padre do Calvário, propõe-se uma troca e não é preciso dizer mais nada...»

(O GAIATO n.º 288 — 12/3/55)

Campanha de assinaturas

«O GAIATO faz hoje anos. Com a festa coincide o nosso movimento da campanha de novas assinaturas, como diz a lista dentro de cada exemplar. Queira ler. Mande-nos uma lista cheia de nomes. Compartilhe.

(...) Nós temos de abandonar os mortos nos cemitérios e ir à cata de gente fresca.»

(O GAIATO n.º 314 — 10/3/56)

O meu testemunho

COMECEI a conhecer o Padre Américo pela sua secção *Pão dos Pobres* escrita semanalmente no *Correio de Coimbra*, em 1939. Eu era aluno do Seminário Menor da Figueira da Foz.

Nos primeiros meses de 1941, o Padre Américo acompanhou um grupo de rapazes no Lar de Coimbra, que tinha fundado pouco antes, para um desafio de futebol connosco. Fiquei a conhecê-lo pessoalmente.

Em Maio do mesmo ano, alunos e professores do Seminário fomos de passeio, em três camionetas, à Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, onde o Padre Américo nos ofereceu o almoço. A Casa tinha treze meninos. Ficámos muito bem impressionados e pedimos ao senhor vice-reitor para convidar o Padre Américo a pregar-nos o Retiro do fim do ano lectivo, convite que foi aceite por ele.

Nos primeiros dias de Julho fizemos o Retiro e ficámos tão satisfeitos que convidámos o Padre Américo a ir no fim dar um passeio de barco connosco no mar de Buarcos, passeio que ele não pôde aceitar.

No mesmo ano mudei para o Seminário Maior de Coimbra. Sempre que o Padre Américo passava por lá tinha de falar aos seminaristas. Nós ficávamos maravilhados com as suas palavras a testemunhar o encontro com Pobres e Doentes.

Quando em Março de 1944 apareceu O GAIATO, foi recebido no Seminário com muito carinho, pela simpatia que já tínhamos por Padre Américo. O jornal custava dez tostões e começou a ser vendido todas as quinzenas no Seminário. Recordo que geralmente eu acompanhava os pequenos vendedores de quarto em quarto, insistindo para que todos comprassem.

Em 1947, já aluno de Teologia, dei as Boas Festas e com a gratificação que me entregaram fiz-me assinante. Sou o número 9284.

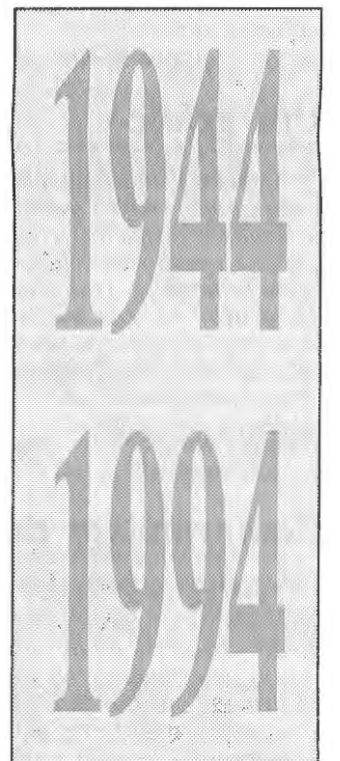
Comecei a escrever a *Tribuna de Coimbra* em Novembro de 1950, no número 173, e nunca mais deixei de escrever no *Famoso*.

Para mim e pelos testemunhos que tenho recebido, O GAIATO é a voz de Deus presente nos irmãos. Sempre li todos os números e todo o jornal, até a secção de «assinaturas pagas» publicada muitos anos.

Tenho pouco jeito para escrever, mas faço-o como quem reza, pois era assim que nos aconselhava Pai Américo.

O GAIATO tem sido na minha vida um segundo Evangelho. Que continue a sê-lo.

Padre Horácio



Colaboração dos Leitores

Voz dos Jovens

Novo Assinante

«Tenho 18 anos. Compro sempre O GAIATO. Não só porque gosto dele, como para satisfazer a minha avó que pede para o ler e saber o que se passa com os gaiatos, visto que é uma grande admiradora do fundador — o Padre Américo.

Escrevo não para saberem isto, mas sim, se é possível ficar a ser assinante, como os muitos que têm. Despeço-me com esperança de que ele venha ter a nossa casa, pelo correio.

Assinante 60045»

Que os Jovens correspondam

«Não apareci mais cedo porque fui um jovem igual à maioria dos jovens dos tempos modernos (tenho 35 anos), que não arranjam tempo para a leitura atenta do Evangelho e para a meditação na Palavra do Divino Mestre: 'Procura em tudo o Reino de Deus e o mais está assegurado'.

Doravante, procurarei estar sempre atento à voz do Espírito Santo que o Pai nos enviou para que não ficassemos órfãos...

Que os jovens, cada vez em maior número, correspondam prontamente à voz de Deus e as comunidades cristãs despertem para o empenho missionário.

Não há guerra, violência, maldade ou desavença que resista a uma comunidade onde haja Amor, que irradie Amor.

Assinante 57621»

Tenho dezasseis anos

«O meu nome é Sara. Sou do Porto. Costumo receber o vosso jornal em meu nome, mas é a minha mãe que manda dinheiro para aí. Eu acho que é muito importante ajudarmos a Obra da Rua.

Só uma coisa mais: tenho dezasseis anos, por isso não precisam de escrever 'Ex.ma Sra.'.

Assinante 42638»

O meu mealheiro

«Pedi ao meu pai para juntar, ao cheque, dez mil escudos do meu mealheiro. Que Deus o ajude e proteja; e Pai Américo cubra de bênçãos os meus irmãos gaiatos.

Maria»

Alerta consciências

«Desejo o bem-estar de todos e agradeço tudo que o fazem a favor dos mais necessitados. Agradeço, também, as leituras e notícias do querido jornal O GAIATO que fazem alertar as consciências.

Assinante 47781»

Situações de miséria que não deveriam existir

«O cheque destina-se a três anuidades e o restante se assim o entenderdes, será uma migalha a juntar às que virão, para ajudar a reduzir situações de miséria, a vários níveis, que já não deveriam existir neste nosso querido Portugal cristão, tais como a descrita n'O GAIATO — 'Vidas na lama'. É necessário darmos as mãos. Todos nós.

Quando eu deixar de regularizar estas três assinaturas é porque já dei contas ao Senhor de como O servi neste tempo, já longo, que me deu para reconhecer e aproveitar a Sua Imensa Generosidade e Protecção em situações bem difíceis e imprevisíveis na vida, só explicáveis providencialmente.

Assinante 10840»

Assinante 15897»

N. da R. — Presença dos Leitores. Viva. Oportuna. Com muita riqueza espiritual! A nossa mala do correio é um mundo d'almas exuberantes: «Aguardo sempre O GAIATO como quem espera uma carta da família mais querida, a mensagem que nos faz acordar — e inquieta». Diz um. Outros, doutra maneira. Cada um a seu modo. Todos respirando o Mandamento Novo.

Um propósito

«Lembrei-me de antecipar um propósito formulado para 1994: tornar-me assinante d'O GAIATO. Já por diversas vezes ao contribuir para a Obra da Rua o tinha pensado, sem contudo me ter disposto a pegar em papel e caneta, selar um envelope e endereçar um cheque modesto, pedindo em troca que me enviassem periodicamente O GAIATO e não mencionassem a minha identidade.

Rui»

Mensagem que nos faz acordar

«Aguardo sempre O GAIATO como quem espera uma carta da família mais querida, a mensagem que nos faz acordar e inquieta. Obriga-nos a pensar nos mais carecidos que a nossa sociedade esquece. Ao mesmo tempo dá-nos a alegria por haver

quem valha a tantas carências e conseguem dar a mão e transformar a vida desses nossos irmãos.

Assinante 29347»

Não posso calar...

«Li com a avidez costumada O GAIATO n.º 1298 que, como os outros, me chega às mãos oportunamente. Não posso calar quanto me chocam cenas como as descritas em 'Património dos Pobres' e a justiça de 'Notas do Tempo'. Por favor não abrandem, pois as entidades oficiais e os portugueses terão de reagir às calamidades. Bem hajam!

É meu propósito ajudar, ainda que modestamente, a vossa cruzada.

Assinante 42912»

Páginas vivas

«O GAIATO faz parte das nossas leituras de Meditação (minhas e da minha mãe). Infelizmente, a minha

querida mãe está a ver muito pouquinho e já não consegue lê-lo. Fazia-o com sofreguidão; agora, leio eu em voz alta e, assim, ambas colhemos os mesmos frutos de tão preciosa árvore.

Venho regularizar a assinatura de 1994, pedindo ao Senhor que por intercessão de Pai Américo, a Obra da Rua continue a ser páginas vivas do Evangelho.

Assinante 19575»

Acção evangelizadora

«É sempre com agrado que o leio no próprio dia em que chega e, dele, tiro sempre lições magníficas. Reflete a vida da vossa Casa e toda a generosidade de quem se dedica às Crianças, aos Pobres, aos que sofrem.

Considero que a acção evangelizadora d'O GAIATO se faz sentir em qualquer lar que o receba. É serenamente cristã porque traduz Vida.

Assinante 55634»

O meu evangelho

«Oh, quanto devo ao coordenador da minha vida espiritual!... — O GAIATO, o Famoso como Pai Américo lhe chamava. (...) É o meu evangelho.

Aí, mais uma vez diz que me lembre daqueles que morrem de fome!

Assinante 40498»

Um gráfico

«Assino o Famoso há muitos anos e, com muito agrado, verifico que tem crescido muito em todos os aspectos: confecção, aspecto gráfico e, também, em colaboração.

Sou reformado. Trabalhei 52 anos como tipógrafo, 45 dos quais no Jornal de Notícias. Fico contente por ver coisas que se relacionam com tipografia e com uma técnica avançada — que é um prazer para os olhos e para o espírito.

Assinante 20339»

Compromisso de o ler

«Por razões de peso resolvemos que devíamos voltar para Portugal. Deixei em S. Paulo (Brasil) 4 filhos, 4 noras e 7 netos (destes nem conheço 'ao vivo' os dois mais pequeninos!). Tenho duas filhas solteiras em Matosinhos, quase Foz, mas meu marido e eu estamos no Alentejo, no duro! Vamos pelo

menos duas vezes por mês para estar com elas, e foi numa dessas idas que assistimos ao que o Padre Carlos disse na Missa nas Carmelitas, sobre O GAIATO. Quando acrescentou que assinar o jornal, tudo bem, mas que tínhamos era de assumir o compromisso de o ler, olhe que foi uma boa chamada à consciência! Acho que já nos longínquos anos em que vivíamos em Lisboa e assinávamos O GAIATO era com a ideia de ajudar a Obra da Rua. Com aquilo que disse, passa-se agora o contrário — o jornal é que nos está a ajudar a nós! (Quando digo eu, quero dizer nós — meu marido e eu.) Deus lhes pague por me terem ajudado nesta conversão. Muito obrigada por tudo o que estamos a receber através da Obra da Rua.

Assinante 57276»

Usufruir da mensagem

«O Senhor sabe que dou com muito carinho por todos os que sofrem, na alma ou no corpo.

Sou uma assinante de Coimbra, já de muitos anos, mas não me canso de ler o jornal para poder usufruir da sua mensagem.

Assinante 31536»

Continua famoso!

«O Famoso, realmente, consegue continuar a ser o mais famoso jornalzinho do mundo, pelo menos na minha opinião e não só! Nele, ou através dele, recebemos a luz do Evangelho, bem patente no amor ao Próximo nos casos que vão surgindo e, através dele, vamos conhecendo, acudindo e remediando.

Que Deus sempre vos ajude, para não desanimarem, e que o Espírito Santo, cuja vinda agora festejamos, vos ilumine e conduza sempre, para poderdes orientar essas crianças cheias de traumas e tão necessitadas de carinho, não só em Portugal, como também em Angola e Moçambique.

Assinante 10840»



OBRA DA RUA

Vivo da minha pensão

«Possamos ajudar um pouco — com a ajuda de Deus e dos homens — as crianças que têm aparecido sem casa e sem pão e até talvez sem família. As Casas do Gaiato para eles são o lar amigo que conhecerão.

Não sou rico. Vivo apenas da minha pensão.

Assinante 49820»

Fruto do meu trabalho

«Gostaria de ser mais generoso, mas não me é possível, pelo facto de minha mulher ser cega. Não temos nada de nosso — a não ser o fruto do meu trabalho. Mas aceito de bom grado a vontade de Deus, pois deve ser respeitada, tanto na pobreza como na abundância, pois ela é grande e nunca nos desampara.

Assinante 56307»

Sem demagogia

«Envio este cheque para a vossa Obra da Rua que é um exemplo que deveria ser seguido por todos, pela objectividade das acções e sem a demagogia das palavras a que infelizmente estamos habituados.

Manuel»

Marco presença

«Mais uma vez, como leitora apaixonada do nosso querido Famoso, marco a minha presença de amor material (o espiritual é através da oração), por meio desta oferta tão simbólica (tenho que repartir com Outros, infelizmente as necessidades são muitas).

Rogo ao Pai Eterno que vos continue abençoando, dando bom ânimo, porque aquele que pega no arado e olha para trás não é apto para o Reino dos Céus. Tem sido para mim um motivo de reflexão e de enco-

rajamento pessoal perante as agruras da vida, o levantar da Obra da Rua nas terras martirizadas de África. Gostaria de ter braços com quilómetros de comprimento para poder cingir ao meu coração todos os que sem desânimo, amparados pela fé e pelo amor a Deus personificado nos seus semelhantes, reconstroem aquilo que está sempre a ser destruído. Porém, se, materialmente falando, isto é impossível, cinjo apaixonadamente ao meu coração de cristã todos os vossos filhos espirituais da Europa e de África, assim como as almas escolhidas que Deus chamar à presença da Sua Obra.

Assinante 47518»

Sentir a alegria da oferta

«Pouco a pouco fui amalhando alguma coisa com a ideia, depois da minha morte, de vos ser oferecida. Mas, como a minha saúde está cada vez mais precária, resolvi mandar enquanto viva para sentir a alegria da oferta.

Assinante 25850»

Fruto de economias

«Estes vinte contos são fruto das economias de jovem amiga que conta já oitenta e nove primaveras, sempre na renúncia de muita coisa, ou seja, com muito sacrifício. Peço para ela as vossas orações, para que depois duma vida de tanto trabalho apostólico e de tanta renúncia não venha a perder a coragem de lutar até ao fim; e não se deixe vencer pelo desânimo. As migalhas que seguem são dadas com muito amor e com muita mágoa por não poder dar mais.

Isabel»

Dar aos Outros

«Leitora atenta do vosso jornal, mas acima de tudo do vosso modo de vida, junto

um pequeno donativo para a vossa causa.

Sou advogada, e ganhei esta semana uma acção que me proporcionou dinheiro «que se veja»... Resolvi dividir parte dele com algumas instituições, e não podia esquecer-vos, já que vocês nunca me esqueceram, apesar dos atrasos na renovação da assinatura!

Caso tenham conhecimento de alguém pobre, que precise dos meus conhecimentos e trabalho profissional, queiram dispor. Deus dá-me tanto todos os dias (um marido amigo, dois filhos perfeitos e saudáveis, e trabalho), que sinto que preciso de começar a dar aos Outros. E não queria que fosse só dinheiro.

Assinante 41964»

Repartir

«Esperava poder mandar mais para ajudar à construção de uma casa para um jovem e talvez para ajudar a Casa do Gaiato de Moçambique. Não o posso de momento fazer. (...) Sempre que necessitarem de alguma coisa, peçam. Não sou milionária, mas tenho um pouco mais do que preciso e nem sempre me lembro de repartir esse pouco com quem não tem o suficiente. Preciso de ajudar, isto é, preciso de ser compelida por alguém ou alguma Obra a dar o que me sobra.

Assinante 12336»

A minha consciência...

«Com a minha consciência pesada de mea culpa, mea culpa, só hoje me dirijo a vós. Mas quantas vezes penso na vossa missão. E porquê só vossa? É grande a minha culpa e quanta fraqueza!

Agradecia que enviassem um livro do Padre Américo para ler nas férias, segundo a vossa sugestão.

Grata pela vossa coragem que é a compensação das consciências pesadas.

Assinante 34024»

Vocações

«Uno-me à Oração de todos para alcançar do Senhor todas as graças para a Obra da Rua. Sobre tudo a grande graça de vocações sacerdotais e de senhoras para mães. Que o santo Pai Américo interceda junto de Deus por estas tão grandes necessidades e toque o coração das pessoas.

Assinante 23778»

Palavras simples e luminosas de Pai Américo

«Tenho em meu poder todos os livros de Pai Américo e agora ando a ler 'Isto é a Casa do Gaiato'.

No meio deste mundo que nos entra em casa, através da Televisão, com todas as suas misérias, ler as palavras simples e luminosas de Pai Américo é como se a nossa alma tomasse um banho e se sentisse limpa e liberta de todas as angústias.

Assinante 31418»

Confiança

«Admiro a força criadora de Deus depositada em vossas mãos. Só um trabalho sério nos leva a bom termo. Sempre confiei em Deus e nas pessoas de boa vontade. Peço que esta confiança nunca se separe de mim nem de todas as pessoas que a procuram.

Assinante 40899»

Estava acomodado

«Estava a ficar acomodado — o que não quero de modo algum.

Segue uma contribuição para que a minha consciência fique mais tranquila.

Assinante 52216»

ÁFRICA

Chegou a hora

«Sempre ouvi falar na Obra da Rua mas, casando há vinte e cinco anos com o funcionário do Cartório Notarial de Malanje, aprendi a conhecê-la melhor.

Ele esteve lá treze anos e conviveu com o querido Padre Telmo, por quem tem uma enorme admiração, quase veneração.

Compartilhou as suas alegrias e tristezas e a resignação com que aceitava estas últimas, esperando sempre que o dia que vinha seria melhor.

Tenho ajudado a Obra quando solicitada, mas chegou a hora de o fazer espontaneamente — deixando falar abertamente o coração.

Maria»

Pensionista

«Resolvi enviar uma pequena migalha, depois de fazer as minhas economias, pois apenas tenho uma pequena pensão por invalidez. Desculpem ser pouco, mas gostava de ter muito para ajudar todos os que precisam. Tenho uma grande consideração pelos que trabalham e ajudam os que precisam, arriscando até a própria vida.

Assinante 54877»

Mandem para África!

«Hoje mesmo recebi o jornal que sempre espero com ansiedade, especialmente as notícias dos Padres que estão a enfrentar o martírio da teimosia dos que parecem brincar com Deus.

Quando pensava que não tinha tostão, procurei, procurei, tornei a procurar, e encontrei o pouco que mando — que não contava ter. Como nosso Senhor é bom, aceitem e mandem para África, se puderem.

Assinante 20755»

Um pequenino alívio

«Sei, pelo vosso e meu jornal O GAIATO, todas as dificuldades, sofrimentos e angústias por que tem passado Angola. Quero que saiba como em espírito e oração também tenho sofrido, sem saber como ajudar os nossos irmãos e, principalmente, as crianças de Angola.

Junto um cheque que tão pouco valor tem neste país consumista onde vivemos. Espero que, junto a tantas outras migalhinhas, será para o Padre Telmo um pequenino alívio de algumas necessidades mais prementes.

Quero que saibam que os nossos garotos daqui também estão comigo em pensamento, pois há muito que sou assinante do nosso querido jornal.

Assinante 36678»

Esperança de paz

«A vossa permanência em Benguela, sempre ocupados em levar a tantos mártires famintos o pão que lhes dará mais força para aguentar tantos sofrimentos causados pela guerra, lhes fará brilhar na alma também uma doce Esperança de Paz! Ao ler O GAIATO não podemos ficar calados com tanta injustiça e egoísmo, e louvamos o Senhor pela Força que vos dá na ajuda aos nossos irmãos, e pelo toque que dá no nosso coração para sermos solidários com eles!

Assinante 53823»

Pequenina ajuda

«Recebi hoje o vosso jornal e, como sempre, não resisto e começo a ler e só no fim o largo, a não ser que surja algo que me impeça.

Ando há muito tempo para enviar uma ajuda para Benguela, pois tanta amargura me dá o saber quanto lá sofrem os vossos Padres por não poderem acudir a tanta miséria.

Não é nada para o que é preciso. Mas só agora, como vem em dobro a minha pensão, me é possível fazê-lo. Ela é tão pequena!...

Assinante 2280»

Luz que ilumina os nossos caminhos

«Que a Obra da Rua continue a ser sempre a luz que ilumina os nossos caminhos e ajuda nas horas difíceis das nossas vidas.

Nós ajudaremos também com as nossas orações e umas pequeninas migalhas — como essa que vai em cheque — se possível para a martirizada Angola.

Maria do Rosário»

O sofrimento das crianças de Angola

«Junto um cheque que está longe de constituir um sacrifício, mas que significa alguma privação em favor dos que mais precisam.

Temos dois rapazes muito pequenos (um ano e um mês, respectivamente) e choca-nos muito sentir, através do vosso jornal, o sofrimento dessas crianças em Angola, particularmente em Malanje. Deus se compadeça de nós que não temos atitudes dignas da mensagem de solidariedade que Ele nos deixou...

Rezamos por elas e por todos vós. O GAIATO é um quinzenário que enriquece a nossa vida. Bem hajam!

Assinante 57042»

SETÚBAL

É por causa da família. Da família degradada e da família instalada. Sim. Uma e outra precisam de ser ajudadas, neste Ano especialmente, que se diz Internacional da Família. A nós bastar-nos-ia o Nacional ou ainda mais concreto o Local. O Ano Local da Família.

Irámos todos experimentar como acudir às famílias. Aflige-me a família instalada que vê os filhos perderem-se no ócio, mãe de todos os vícios. E sofre, sofre, sofre. Quem está bem precisa de assumir os males dos Outros, senão instala-se e vai cair no abismo da degradação. Quem está mal não se atreve a sair do caos e precisa de ajuda para se erguer.

Uma família esbulhada de humanidade — como tantas que povoam os bairros das nossas cidades — devia ser o objectivo primário de toda a acção e cuidado, neste ano.

Promete-se que até ao fim do século se irão irradiar todas as barracas. Quem dera que se banissem também todas as habitações indignas. Mas, não basta a uma família degradada proporcionar uma morada capaz. É necessário ensiná-la a viver nela. De contrário não se adiantará muito.

Por causa de um miúdo de dez anos, já conhecido da polícia como o terror do bairro, eu visitava a casa (?) e a família (?) da criança.

Era um casarão velho, amplo; com divisões suficientes para o número de pessoas que abrigava, mas sem vidros nas janelas, nem luz e água. Uma casa-gelo.

A mãe do João vive por aí, com mais dois filhos na prostituição.

Uma ideia na cabeça e uma fogueira no coração

Ele mora com a tia, irmã da mãe, que se juntara ao pai e tem já quatro filhos dele — meios irmãos e meios primos do João.

Todos os fins de dia, o progenitor regressa a casa embriagado. A cena de pancadaria, palavrão, e pôr toda a família quase sempre na rua, repete-se invariavelmente.

À noite, aquele antro é um inferno para as crianças e para a mulher que, perto de dar à luz, me pareceu também atrasada mental.

Montões de roupa suja em cada divisão servem de leito àqueles seres humanos e exalam um cheiro desagradável que nem a ventilação contínua e arripiante consegue debelar.

Que famílias teremos amanhã, nascidas de crianças assim tratadas?

Estas situações são uma acusação tremenda de tantos pecados de omissão, de tanta família auto-denominada cristã e muito bem instalada.

Dar uma casa, mesmo em condições, a uma família (?) assim, e não a apoiar humanitariamente, é o mesmo que entregar ferramenta a um operário e não o ensinar a trabalhar.

Fui levado ao referido casarão pela professora do miúdo, por um escuteiro e por outra senhora interessada. Queriam que trouxesse o João. Irei buscá-lo; mas não os deixei sem recados.

Que se organizassem em grupo para apoiarem aquela família. Que tapassem, ao menos, as janelas com plásticos transparentes e fortes. Que comprassem um aquecedor a gás para aconchegar aquele

ambiente. Que fossem lá limpar, arrumar e ordenar aquela casa.

Que, com a ajuda, ganhassem autoridade naquela gente. Que estivessem presentes, algumas vezes ao menos, à hora em que o bêbado regressa, para serem um sinal de respeito, de dignidade e de paz.

Que adoptassem aquela família para a promover! O peso de famílias degradadas é enorme em todas as grandes cidades. E, em muitas vilas e aldeias, também os há.

Estes dados constituem uma forte provocação à Igreja e às famílias cristãs e são uma oportunidade excelente para manifestar o Amor gratuito de Deus Vivo e Ressuscitado pelos seus filhos. «Eu não tinha família e, tu... foste a minha família.»

Adoptar uma família degradada para a ajudar e promover — eis a única forma coerente e evangélica de celebrar o Ano Internacional. Ser esteio de uma família em decomposição!

Se uma família cristã se sentir incapaz juntar-se com mais três ou quatro e façam uma equipa.

Empenhem os filhos, jovens, adolescentes ou mesmo crianças e verão nos próprios descendentes o fruto desta salutar acção.

As Equipas de Nossa Senhora e outros movimentos de apostolado conjugal e familiar encontrarão também aqui uma descoberta inesgotável de revitalização. Ninguém diga que não é o seu carisma; porque o carisma dos Pobres

sempre foi universal nos cristãos. Podemos continuar com o próprio de cada movimento, mas infamos acentuar mais o que nos é comum.

Em muitas actividades sociais vemos a Igreja a copiar o Estado e, até, a substituí-lo, com vantagens para Ele.

Tenho tanto medo que o Ano Internacional da Família venha a ser vivido pela Igreja, à maneira dos políticos: Com discursos, jornadas, debates e... só palavras... mais nada. Tenho tanto medo!...

O grito dos Pobres, hoje, tem sangue do espírito. É bem vivo e bem visível. Acudamos-lhes. Nós, os seguidores de Jesus, estamos também para salvar o que está perdido.

Aqui nos encontramos, de novo, com o Padre Américo: «*Todo o regresso a Nazaré, é progresso social cristão*». «*Cada freguesia cuide dos seus Pobres*.»

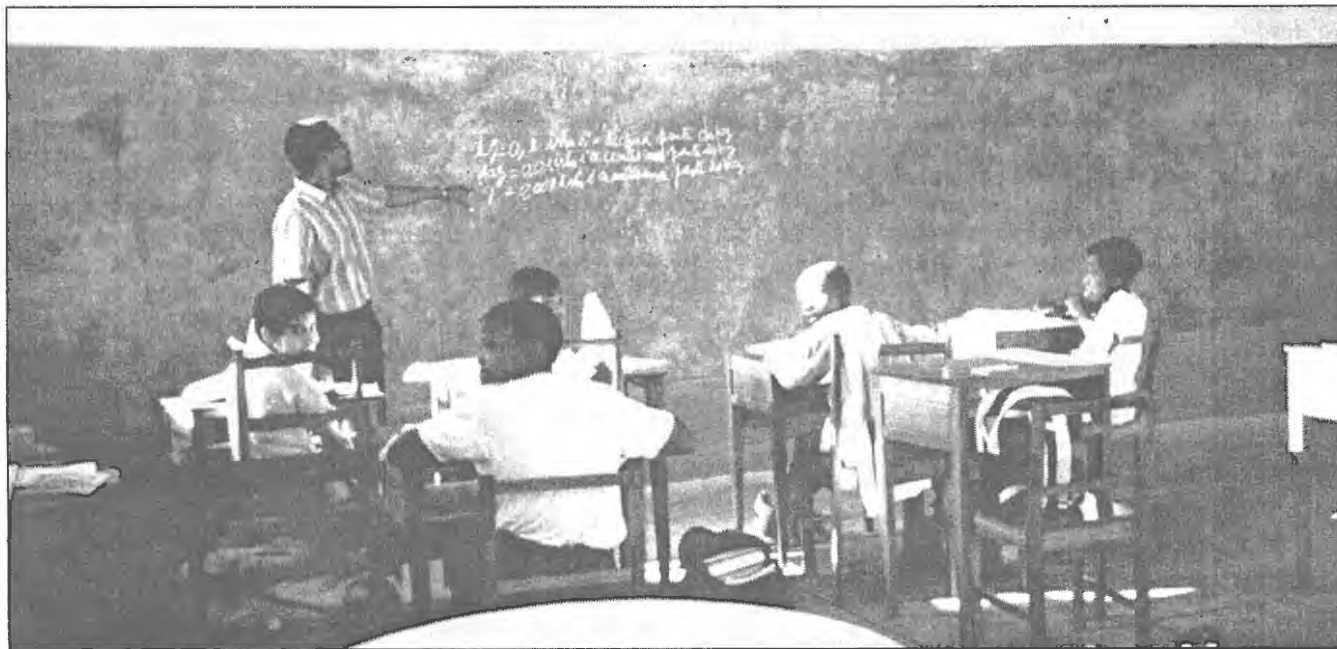
A família do João vive quase paredes meias com a Igreja Paroquial. Um lindo e antigo templo que se enche, várias vezes, ao fim de semana.

Uma comunidade eucarística que se alheia do sofrimento do povo, pode ser religiosa; não é cristã. Tem qualquer Deus, não é o de Jesus Cristo.

Celebrar só o memorial da Morte e Ressurreição do Senhor não basta; é necessário participar do sofrimento de Cristo nos irmãos e ajudá-los a sair dos seus e nossos pecados. Que ninguém tenha medo. A miséria pode ser difícil, não é invencível.

O Espírito Santo dá força e meios. Nós, só precisamos de abrir o coração. Mais nada.

Padre Acílio



Escola da Casa do Gaiato de Moçambique

De como eu fui por aí abaixo...

Continuação da página 1

com caridade não fingida, com a palavra da verdade, com a virtude de Deus, com as armas ofensivas e defensivas da justiça; por honra e por desonra; por infâmia e por boa fama; considerados como sedutores mas verdadeiros; como desconhecidos, mas conhecidos; como morrendo, e eis que vivemos; como castigados, mas não amorticados; como tristes, mas sempre alegres; como pobres, mas enriquecendo a muitos; como não tendo nada, mas possuindo tudo.»

Estas suas palavras duras não foram escritas nem são dirigidas a elites. Eram, sim, para as comunidades cristãs de Roma. São hoje para as comunidades cristãs de todo mundo. Pujantes ontem como agora, nada perderam do seu valor. Os cristãos é que sim. Tanto assim é que estranha-se. Fala-se. Admira-se. A Obra da Rua anda na boca de toda a gente. Uns amam-na, outros atiram-lhe pedras e todos a sentem.

E tudo isto é só porque os cristãos de agora perderam o sabor. Não compreendem como é que sendo um pobre, possa enriquecer muitos; e não tendo nada, possa na verdade possuir tudo. Não compreendem.»

(O GAIATO n.º 158 — 18/3/50)

Padre Acílio

A mesma vocação e missão continuam

CINQUENTA anos! São os anos d'O GAIATO. No número um escrevia Pai Américo: «*Aparece hoje O GAIATO e regressa no terceiro domingo do mês à mesma hora e assim por diante, todos os primeiros e terceiros até ao fim do mundo*». Era o parto. Logo a seguir a vocação: «*Sé revolucionário... pacífico*». Mais adiante, a missão: «*Havemos de dizer, deste mirante, tudo quanto possa interessar ao mundo e pedir mais humanidade para a causa a que nos devotamos (...)* a criança das ruas». Finalmente, a expansão e as ruas de Coimbra, campo fértil: «*O GAIATO foi vendido, nas ruas de Coimbra, com deslumbramento. Os mil exemplares (...) passaram num instante para as mãos dos compradores*». Miranda

do Corvo e Lousã aparecera a seguir com largas dúzias.

Foi o começo. Hoje, assim continua. A mesma vocação e missão. N'O GAIATO se exprime o grito dos mais pobres, a vida das Casas do Gaiato, os gemidos do Calvário; segredos sussurrados ao coração que convencem e convertem.

Em Coimbra é um pequeno bando deles. Mal poisam os pés na Ferreira Borges, na Sofia ou nos andares da Alta, são mil os olhos que os namoram — a O GAIATO e aos gaiatos que delicadamente os distribuem.

Vão também a terras da Beira. Levantam-se cedo, esfregam os olhos e, saquita a tira-colo, eles aí vão! De Figueiró à Covilhã, passam e deixam mensagem: na Sertã, em Proença-a-Nova, Castelo Branco, Alcaíns, Fundão e Covilhã. É um dia diferente;

cheio de mimos e recados. À noite regressam, felizes. Dão contas de tudo. Quase todos trazem lindas prendas que são distribuídas por todos, como família que somos.

Na Beira ficam mais de dois mil jornais. É um auditório muito amigo e comprometido; que lê, se consola e reparte: «*Fez-me tão bem aquele vosso desabafo...!*»

São desabafos vividos e sofridos, os nossos — O GAIATO; são golfadas de sangue que jorram de comunhão com os mais pobres; são lutas de um viver laborioso; tantas vezes, um remar contra marés e ventos contrários. Mas é o odor da Graça que o gera e torna possível que o seu testemunho convença.

O garoto da rua, os filhos dos mais pobres, os doentes do Calvário, os sem-casa, são o mote constante do seu falar

alto; e a humildade, a tinta do seu imprimir.

Queremos celebrar este cinquentenário em profunda comunhão com os problemas que nos rodeiam — e afectam muitos dos nossos irmãos: o desemprego, a falta de habitação, o aumento de crianças desamparadas, entre outros.

Quem nos dera poder dar também alguma luz neste Ano Internacional da Família,

nós que procuramos ser família para os privados dela, por tantas razões.

Que este cinquentenário nos traga também alguém, tocado pelo amor aos Pobres, para ajudar a criar os mais pequeninos. Continuaremos a pedir e a bater à porta. Os nossos Amigos, esses, nunca faltam com a sua quota.

Padre João



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (0 55) 752285 - FAX 753799 - Cont. 500788898 - Reg. D. G. C. S. 100398 - Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Fevereiro: 73.000 exemplares.